

A DISTRIBUIÇÃO DOS ADVÉRBIOS MODALIZADORES NA SENTENÇA: UMA ANÁLISE DE BASE GERATIVA¹

Patrícia TOSQUI²

Beatriz Nunes de Oliveira LONGO³

- RESUMO: Apresenta-se uma análise das possibilidades de distribuição dos advérbios modalizadores na sentença, comparando-se as línguas portuguesa e inglesa. A base do estudo é a teoria dos Princípios e Parâmetros, tomando-se como referência principal a hierarquia universal de Cinque (1999).
- PALAVRAS-CHAVE: Modalização; advérbios modalizadores; sintaxe gerativa.

Introdução

Apresentamos neste artigo uma análise da distribuição dos advérbios e, particularmente, dos advérbios modalizadores, na sentença. A classe dos advérbios modalizadores é bastante ampla e pode expressar diferentes valores, mas tem como característica comum apresentar, de modo mais ou menos explícito, algum tipo de intervenção do falante na definição da validade e do valor do enunciado que produz. Pode, assim, modalizar quanto ao dever, modalizar quanto ao valor de verdade, restringir o domínio dentro do qual o enunciado é verdadeiro e até mesmo avaliar afetivamente o próprio enunciado. Adotamos aqui, com base nessa definição, a classificação proposta por Neves (2000) para os advérbios modalizadores, a saber: Deônticos (como *necessariamente*); Epistêmicos, subdivididos em Afirmativos (como *certamente*) e Relativos (como *provavelmente*); Delimitadores (como *basicamente*) e Afetivos, subdivididos em Subjetivos (como *felizmente*) e Intersubjetivos (como *francamente*).

1 Este artigo baseia-se em capítulo da dissertação de Mestrado (TOSQUI, 2002) defendida e orientada, respectivamente, pelas autoras, e que contou com auxílio da Fapesp, processo n. 99/108228-7. Agradecemos ao(s) revisor(es) de *Alfa* os comentários e sugestões, salientando que os problemas remanescentes são de nossa responsabilidade.

2 Aluna do Programa de Pós-Graduação em Letras da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – 14800-901 – Araraquara – SP – Brasil. Endereço eletrônico: patriciatosqui@uol.com.br.

3 Departamento de Linguística – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – 14800-901 – Araraquara – SP – Brasil. Endereço eletrônico: longo@sunrise.com.br.

Tomando por base trabalhos de orientação sobretudo gerativa, procuramos identificar em quais posições os advérbios dessa classe podem ser gerados dentro de uma sentença e, a partir de estudos comparativos, verificar se há diferenças nos parâmetros que determinam as posições em diferentes línguas. As línguas selecionadas para este estudo foram o português brasileiro e o inglês. Os exemplos foram extraídos, em português, do corpus montado no Laboratório de Lexicografia da UNESP (CLL), por Francisco da Silva Borba, e do CD-ROM do jornal *Folha de S.Paulo* (FSP), de 1999, e, em inglês, da versão DEMO do corpus *Cobuild Direct Corpus Sampler* (CDC), disponível na Internet.

Uma análise lingüística de base sintática não pode considerar palavras isoladamente, uma vez que sabemos que, dependendo das relações entre os elementos da sentença, diferentes construções são possíveis em uma língua natural. Assim, encontramos pesquisas sobre a posição de advérbios dentro da sentença que analisam também o movimento do verbo e de outros constituintes para verificar que deslocamentos e alçamentos geram diferentes ordens de elementos.

Pesquisas sobre a posição dos advérbios na teoria gerativa

Pollock (1989) apresentou uma inovação na teoria gerativa quanto à posição dos constituintes da sentença. Ao contrário do que se supunha até então, o autor afirma que é o advérbio – e não o verbo – que ocupa posição fixa na sentença. Ele propõe também subdividir o Sintagma Flexional (IP) em duas categorias funcionais: Tempo (TP) e Concordância (AgrP), e afirma que o deslocamento do verbo para tais posições é o que explica as diferenças de superfície entre as línguas.⁴ Costa (1996) questiona alguns aspectos da proposta de Pollock, e realiza outros testes em relação à posição do verbo, evidenciando a necessidade de estudos mais aprofundados sobre o tema. Ojea López (1994) apresenta uma divisão da estrutura funcional dos sintagmas que origina um aumento no número das categorias funcionais. A autora afirma que, de acordo com os parâmetros que caracterizam as línguas naturais, cada língua pode, a partir dos princípios oferecidos pela Gramática Universal, desenvolver certas categorias funcionais, e não outras, e ordená-las de maneira própria. Assim, a posição dos advérbios na sentença pode ser determinada mediante o estudo aprofundado das categorias lexicais e, sobretudo, pela identificação das categorias funcionais, que podem variar de uma língua para outra. Seguindo essa linha de raciocínio, Cinque (1999) também analisa a estrutura funcional da sentença e, por meio de comparações entre diversas línguas, conclui que a sentença possui uma formação funcional extremamente rica, que não varia em diferentes línguas. Esse aspecto contradiz a proposta de Ojea López (1994) de que as línguas têm estruturas funcionais diferentes. Pesquisando as manifestações morfológicas das categorias funcionais em línguas pertencentes

4 A proposta de Pollock (1989) foi incorporada à teoria chomskyana na explicação de várias diferenças de ordem nas línguas. Por questões de delimitação de espaço, não nos deteremos nessa proposta. Embora estejamos analisando o português brasileiro e o inglês, aproveitamos os estudos comparativos de Pollock (1989), de Costa (1996) e de Ojea López (1994), que apresentam propostas universalistas sobre a estrutura funcional das sentenças.

Tomando por base trabalhos de orientação sobretudo gerativa, procuramos identificar em quais posições os advérbios dessa classe podem ser gerados dentro de uma sentença e, a partir de estudos comparativos, verificar se há diferenças nos parâmetros que determinam as posições em diferentes línguas. As línguas selecionadas para este estudo foram o português brasileiro e o inglês. Os exemplos foram extraídos, em português, do *corpus* montado no Laboratório de Lexicografia da UNESP (CLL), por Francisco da Silva Borba, e do CD-ROM do jornal *Folha de S. Paulo* (FSP), de 1999, e, em inglês, da versão DEMO do *corpus Cobuild Direct Corpus Sampler* (CDC), disponível na Internet.

Uma análise lingüística de base sintática não pode considerar palavras isoladamente, uma vez que sabemos que, dependendo das relações entre os elementos da sentença, diferentes construções são possíveis em uma língua natural. Assim, encontramos pesquisas sobre a posição de advérbios dentro da sentença que analisam também o movimento do verbo e de outros constituintes para verificar que deslocamentos e alçamentos geram diferentes ordens de elementos.

Pesquisas sobre a posição dos advérbios na teoria gerativa

Pollock (1989) apresentou uma inovação na teoria gerativa quanto à posição dos constituintes da sentença. Ao contrário do que se supunha até então, o autor afirma que é o advérbio – e não o verbo – que ocupa posição fixa na sentença. Ele propõe também subdividir o Sintagma Flexional (IP) em duas categorias funcionais: Tempo (TP) e Concordância (AgrP), e afirma que o deslocamento do verbo para tais posições é o que explica as diferenças de superfície entre as línguas.⁴ Costa (1996) questiona alguns aspectos da proposta de Pollock, e realiza outros testes em relação à posição do verbo, evidenciando a necessidade de estudos mais aprofundados sobre o tema. Ojea López (1994) apresenta uma divisão da estrutura funcional dos sintagmas que origina um aumento no número das categorias funcionais. A autora afirma que, de acordo com os parâmetros que caracterizam as línguas naturais, cada língua pode, a partir dos princípios oferecidos pela Gramática Universal, desenvolver certas categorias funcionais, e não outras, e ordená-las de maneira própria. Assim, a posição dos advérbios na sentença pode ser determinada mediante o estudo aprofundado das categorias lexicais e, sobretudo, pela identificação das categorias funcionais, que podem variar de uma língua para outra. Seguindo essa linha de raciocínio, Cinque (1999) também analisa a estrutura funcional da sentença e, por meio de comparações entre diversas línguas, conclui que a sentença possui uma formação funcional extremamente rica, que não varia em diferentes línguas. Esse aspecto contradiz a proposta de Ojea López (1994) de que as línguas têm estruturas funcionais diferentes. Pesquisando as manifestações morfológicas das categorias funcionais em línguas pertencentes

4 A proposta de Pollock (1989) foi incorporada à teoria chomskyana na explicação de várias diferenças de ordem nas línguas. Por questões de delimitação de espaço, não nos deteremos nessa proposta. Embora estejamos analisando o português brasileiro e o inglês, aproveitamos os estudos comparativos de Pollock (1989), de Costa (1996) e de Ojea López (1994), que apresentam propostas universalistas sobre a estrutura funcional das sentenças.

a diferentes famílias, o autor chega a um número de aproximadamente quarenta projeções funcionais possíveis. Cinque (1999) apresenta ainda uma hierarquia dessas projeções funcionais, também aparentemente válida para todas as línguas. Aproveitamos, dessa hierarquia, a ordem correspondente aos advérbios modalizadores, a qual será apresentada adiante.

A proposta de Cinque

Na tentativa de definir as possíveis posições que os advérbios ocupam na sentença e as características comuns aos itens pertencentes ao mesmo grupo, alguns autores propuseram uma classificação para os advérbios com base em sua distribuição. Jackendoff (1972), um dos primeiros autores a se dedicar ao estudo dos advérbios com base na teoria gerativa, correlacionou a posição dos advérbios na sentença a regras de interpretação semântica, chegando à seguinte classificação: advérbios relacionados ao verbo (advérbios de VP), advérbios orientados para o sujeito e advérbios orientados para o falante (advérbios de S, classe na qual se encontram os modalizadores). Com base no grau de interação que apresentam em relação à sentença, Quirk & Greenbaum (1973) subdividiram os advérbios em três grupos principais: adjuntos (mais integrados à estrutura da oração), conjuntos (periféricos, desempenham uma função conectiva) e disjuntos (periféricos, abrangem os modalizadores). Cinque (1999), em seu estudo, aproveita essas classificações, apresentando uma distinção entre advérbios internos ao VP (como os advérbios de tempo, lugar e modo), e advérbios externos ao VP (ou seja, advérbios de S, que são os advérbios selecionados para nosso estudo).

Cinque parte da hipótese de Pollock (1989) de que os sintagmas adverbiais externos ao VP são gerados em posições fixas nas sentenças e de que as diferentes possibilidades de distribuição nas línguas se devem a deslocamentos dos verbos. Para ele, as diferentes posições adverbiais básicas correspondem classificações diversas, a não ser em casos em que o advérbio se tenha deslocado como parte de outro constituinte.

Diferentes posições indicam também diferentes interpretações semânticas, como podemos observar nos exemplos:

- (1) Francamente, João estava bêbado.
- (2) João estava francamente bêbado.

Além disso, Cinque também propõe que os sintagmas adverbiais externos aos VPs ocupam a posição de especificadores únicos de projeções funcionais. Tais projeções podem ou não ter manifestação morfológica, dependendo da língua. A hipótese de que os advérbios (AdvPs) preencheriam a posição de especificadores dentro dos sintagmas funcionais correspondentes a projeções de categorias flexionais explicaria a ordenação rígida dos AdvPs, que refletiria a ordenação de tais sintagmas funcionais.

Já os advérbios internos ao VP, também chamados circunstanciais (modo, tempo, lugar etc.), além de não serem ordenados entre si, exerceriam o papel de atributos, quando em posição inicial, ou predicativos (em posição final), dentro do VP, assim como os adjetivos dentro de DP. Tais advérbios, portanto, não se classificam como especificadores. Para justificar sua proposta, o autor apresenta os seguintes argumentos:

(i) considerar que os advérbios são adjuntos não explica a ordenação fixa dos advérbios entre si, nem o seu posicionamento em relação aos núcleos funcionais (à esquerda).

(ii) observando sentenças do italiano em que um auxiliar ou um participio pode preceder ou seguir uma série de sintagmas adverbiais, Cinque conclui que deve haver várias posições nucleares numa sentença. Se os advérbios fossem adjuntos de diferentes projeções máximas, o participio ou o auxiliar não poderia ocorrer entre virtualmente qualquer par de advérbios, como podemos verificar no exemplo apresentado pelo autor:

- (3) a. **Ho** francamente purtroppo evidentemente una pessima opinione di voi.
b. Francamente **ho** purtroppo evidentemente una pessima opinione di voi.
c. Francamente purtroppo **ho** evidentemente una pessima opinione di voi.
d. Francamente purtroppo evidentemente **ho** una pessima opinione di voi.
- (4) a. **Tenho** francamente infelizmente evidentemente una pèssima opinìo sobre vocês.
b. Francamente **tenho** infelizmente evidentemente una pèssima opinìo sobre vocês.
c. Francamente infelizmente **tenho** evidentemente una pèssima opinìo sobre vocês.
d. Francamente infelizmente evidentemente **tenho** una pèssima opinìo sobre vocês.]

Observando essas possibilidades, Cinque (1999) propõe a estrutura (5), em que X corresponde às posições do V auxiliar (VAux):

(5) [X [francamente X [infelizmente X [obviamente X...]]]]

Outra seqüência discutida por Cinque (1999) é (6):

(6) *João *obviamente felicemente* tinha aceito.

De acordo com Cinque 1999, (6) não é possível porque os advérbios afetivos, como *felicemente*, ocupam uma posição superior aos epistêmicos, como *obviamente*, o que confirma a necessidade de posição fixa e da hierarquia de ordenação. Se postulássemos adjunção livre (à direita ou esquerda), não teríamos como impedir (6).

Evidenciando assim que os sintagmas adverbiais ocupam posições de especificadores únicos de diferentes projeções máximas, Cinque (ibidem) afirma que os núcleos de tais projeções são categorias funcionais distribuídas de acordo com uma ordenação previamente determinada. As ordens que se manifestam nas diferentes línguas são subsequências de uma única hierarquia universal de núcleos funcionais,⁵ estabelecida com base na comparação entre diferentes línguas e em estudos de diversos autores.

5 Desse modo, a tarefa da criança na aquisição da linguagem seria grandemente facilitada: ela teria apenas de aprender quais projeções se manifestam morfologicamente em sua língua.

Assim, para Cinque (idem, p.33), os advérbios sentenciais em inglês, independentemente da posição em que se projetam, obedecem à mesma ordem que a presente nas línguas românicas:

- Advérbios afetivos intersubjetivos precedem advérbios afetivos subjetivos:

(7) a. *Honestly* I am *unfortunately* unable to help you.
[*Honestamente* eu sou *infelizmente* incapaz de ajudá-lo.]
b. * *Unfortunately* I am *honestly* unable to help you.
[* *Infelizmente* eu sou *honestamente* incapaz de ajudá-lo.]

- Advérbios afetivos subjetivos precedem advérbios epistêmicos afirmativos:

(8) a. *Fortunately* he had *evidently* had his opinion of the matter.
[*Felizmente* ele tinha *evidentemente* formado sua opinião sobre o assunto.]
b. * *Evidently* he had *fortunately* had his opinion of the matter.
[* *Evidentemente* ele tinha *felizmente* formado sua opinião sobre o assunto.]

- Advérbios epistêmicos afirmativos precedem advérbios epistêmicos relativos:

(9) a. *Clearly* John *probably* will learn French perfectly.
[*Obviamente* João *provavelmente* vai aprender francês perfeitamente.]
b. * *Probably* John *clearly* will learn French perfectly.
[* *Provavelmente* João *obviamente* vai aprender francês perfeitamente.]

- Advérbios epistêmicos relativos precedem advérbios de tempo (passado, presente, futuro), embora possam segui-los em caso de topicalização:

(10) *Probably* he *once* had a better opinion of us.
[*Provavelmente* ele *outrora* tinha uma opinião melhor sobre nós.]

(11) *Once* he *probably* had a better opinion of us.
[*Outrora* ele *provavelmente* tinha uma opinião melhor sobre nós.]

- *Talvez/ Perhaps* precede advérbios orientados para o sujeito:

(12) John will *perhaps* *carefully* withdraw.
[João *talvez* vá *cuidadosamente* recuar.]
* John will *carefully* *perhaps* withdraw.
[* João vá *cuidadosamente* *talvez* recuar.]

Em suma, adaptando a hierarquia de Cinque (1999) a nosso trabalho, percebemos que a ordem das várias classes de AdvPs em inglês corresponde à encontrada em línguas românicas:

(13) *frankly* > *fortunately* > *evidently* > *probably* > *once/then* > *perhaps* > *wisely*

- (14) francamente > felizmente > evidentemente > provavelmente > uma vez/então > talvez > sabiamente

Os advérbios delimitadores externos ao VP, que Cinque chama de “de domínio”, como, por exemplo, *socialmente*, são, para o autor, gerados em posição topicalizada, assim como os afetivos intersubjetivos. Os delimitadores podem também fornecer uma moldura (*frame*) relevante dentro da qual se avalia o grau de verdade de um ato de fala. Por isso, Cinque (1999) conclui que devem preceder todos os advérbios modalizadores. O autor apresenta os seguintes exemplos:

- (15) a. Politically, there are frankly no grounds for being merry.
b. * Frankly, there are politically no grounds for being merry.
[Politicamente, não temos francamente motivos para ficar contentes.
* Francamente, não temos politicamente motivos para ficar contentes.]
- (16) a. Politically, there is unfortunately no solution.
b. * Unfortunately, there is politically no solution.
[Politicamente, não há infelizmente solução.
* Infelizmente, não há politicamente solução.]
- (17) a. Politically, there's probably nothing to do.
b. * Probably, there's nothing politically to do.
[Politicamente, não há provavelmente nada a fazer.
* Provavelmente, não há politicamente nada a fazer.]

Cinque (1999, p.13) afirma que os advérbios afetivos intersubjetivos são gerados à esquerda de *talvez* e dos advérbios orientados para o falante, mas podem também aparecer em posição topicalizada, à esquerda de todos os advérbios sentenciiais, “plausivelmente na posição dos advérbios delimitadores”. O autor afirma ainda que, na apresentação de sua hierarquia, omitiu a posição topicalizada que abriga os advérbios delimitadores.

Por tratar predominantemente da relação dos advérbios com os núcleos de projeções funcionais, Cinque (ibidem) não menciona a incidência dos delimitadores sobre os sintagmas adjetivos. Sabemos, porém, que essa subclasse de advérbios pode incidir também sobre tal classe de palavras, como podemos verificar nos exemplos:

- (18) Teatro só é uma opção para os *lingüisticamente* **abençoados** – pior para o resto de nós, porque o teatro húngaro tem fama internacional. (FSP)
- (19) We were used to thinking of childhood as a *basically* **healthy** time. (CDC)
[Pensávamos na infância como uma época *basicamente* **saudável**.]

Uma subclasse de advérbios que parece gozar de certa liberdade de distribuição é a dos advérbios de tempo ancorados nos intersubjetivos, como *agora*, *então*, *uma vez*. Para Cinque (1999), apesar de estes advérbios precederem os orientados para o sujeito e, preferencialmente, *talvez*, eles podem aparecer antes ou depois dos modalizadores até a subclasse dos epistêmicos:

- (20) *Francamente agora* você me irritou.
Agora francamente você me irritou.
- (21) *Felizmente agora* você está conosco.
Agora felizmente você está conosco.
- (22) *Provavelmente agora* ela nos escutará.
Agora provavelmente ela nos escutará.

Focalizando especialmente as posições ocupadas pelos modalizadores, apresentamos a seguinte adaptação da hierarquia proposta por Cinque (ibidem):

Hierarquia Universal dos Advérbios Modalizadores⁶

[Modalizadores Delimitadores] > Modalizadores Afetivos Intersubjetivos >
Modalizadores Afetivos Subjetivos > Modalizadores Epistêmicos Afirmativos >
Modalizadores Epistêmicos Relativos > Advérbios de Tempo (Passado,
Presente e Futuro) > Modalizador *Irrealis* (*talvez*) > Modalizadores Aléticos⁶
(de necessidade > de possibilidade > de volição) > Modalizadores
Deônticos > Advérbios de modo (*bem, mal*)...

A maioria dos advérbios de nosso estudo se distribui pelas camadas mais altas da hierarquia. Os delimitadores, segundo Cinque (ibidem), seriam posicionados antes dos afetivos intersubjetivos.

Nesse quadro, os advérbios de nosso estudo estão acompanhados de outras subclasses de advérbios, a fim de mostrar a distribuição das subclasses que nos interessam e suas relações com outras subclasses. Assim, podemos observar que Cinque (ibidem) acrescenta a modalização “*irrealis*”, exemplificada pelo advérbio “*talvez*”. Para o autor, esse advérbio apresenta características específicas, por isso não pode ser considerado epistêmico relativo.⁷

Por fim, Cinque (ibidem) apresenta os advérbios de modo, que se posicionam na base da hierarquia. O autor ressalva que, em algumas línguas românicas, o verbo pleno pode se deslocar para núcleos funcionais distintos, o que possibilita seu posicionamento acima do advérbio de modo, como acreditamos ser o caso do português:

- (23) João fez muito *bem* a sua tarefa.
[*John did very *well* his homework.]

Para as categorias funcionais que têm manifestação morfológica no inglês, Cinque (1999, p.153) apresenta uma hierarquia resumida – que utilizaremos como ponto de partida para nosso estudo.⁸

6 Embora Cinque (1999, p.203) reconheça que a lógica e a linguagem não podem ser identificadas, acaba por manter a distinção epistêmicos/aléticos/deônticos.

7 Tais diferenças se encontram na distinção entre modo e modalidade (*mood* e *modality*) e entre os modos indicativo/subjuntivo (*realis/irrealis*). Para saber mais sobre a distinção entre modo e modalidade, ver Palmer (1986).

8 A hierarquia resumida foi extraída, por Cinque (1999), de Chomsky (1957).

Segundo Cinque (ibidem), a categoria Tempo (T) se posiciona entre os advérbios epistêmicos e os não epistêmicos. Entretanto, na interação com auxiliares, os modalizadores epistêmicos, no inglês, se posicionam após o Aspecto Perfectivo, como podemos observar em orações com verbos auxiliares:

- (24) Kersee's training methods **have certainly worked** for Jackie, though. (CDC)
 He **will probably look** for someone who has a lighter or matches. (CDC)

Observemos agora o seguinte exemplo:

- (25) Prices must not have been being raised.
 [Os preços não devem ter estado sendo aumentados.]

Como se vê, nessa sentença, todas as categorias funcionais da hierarquia estão expressas morfologicamente, e a diferença entre o inglês e o português seria apenas quanto à negação. A partir dessas constatações, o autor afirma que (26) e (27) têm a mesma estrutura sintática básica, não envolvendo estruturas adicionais de adjunção ou especificação:

- (26) Prices rise.
 [Os preços aumentam.]
- (27) Fortunately prices probably already no longer rise so rapidly.
 [Felizmente os preços provavelmente já não aumentam mais tão rapidamente.]

Aqui, podemos observar outra diferença entre as duas línguas: como em inglês o verbo pleno não se desloca, é precedido por todos os AdvPs. Em português, como se sabe, por questões de checagem de traços, o V se desloca para uma posição acima do advérbio *mais (no longer)*.

Cinque (1999) afirma que a estrutura *lexical* das duas orações, contudo, não é necessariamente a mesma, uma vez que os dados evidenciam que, em alguns casos, os morfemas aparentemente ocorrem em posições mais baixas do que as ocupadas pelos núcleos funcionais correspondentes. Em condições normais, os auxiliares e modais não são acentuados (*stressed*) e aparecem à esquerda dos advérbios. Cinque (ibidem) conclui que mais estudos são necessários para determinar o âmbito de incidência dos auxiliares em diferentes línguas.

Outra posição muito comum dos advérbios modalizadores é a topicalizada.⁹ Qualquer advérbio modalizador pode aparecer topicalizado no início ou no final de uma sentença, respectivamente seguido ou precedido de pausa, como em:

⁹ Seguindo Cinque (ibidem), estamos considerando como tópico um constituinte que ocupa uma posição mais saliente na sentença.

(28) *Sinceramente*, não sei de onde tiraram essa conclusão. (FSP)

(29) *Francamente*, é um absurdo. (CLL)

(30) Recebo isso com indiferença, *sinceramente*. (SSP)

(31) Guardadas as devidas proporções, *naturalmente*. (CLL)

Segundo Costa (1996), o sintagma topicalizado (TopP) é uma projeção independente que tem sua ordem estabelecida de acordo com outras categorias, como em [CP... [TopP...[TP...], o que torna aceitável uma sentença como:

(32) João disse que *provavelmente* Maria deu uma flor a Pedro.

Uma restrição para essa posição topicalizada ocorre em relação ao sintagma complementizador (CP), que abriga conjunções e palavras interrogativas. De acordo com Cinque (1999), os advérbios modalizadores só podem seguir, mas nunca preceder, os sintagmas CP:

(33) Fale desse problema com alguma outra de suas amigas, **porque** *francamente* eu estou enojada da coisa toda. (FSP)

* Fale desse problema com alguma outra de suas amigas, *francamente* **porque** eu estou enojada da coisa toda.

(34) And I think this is the point **where** *frankly* everybody's got to get their act. (CDC)

* And I think this is the point *frankly* **where** everybody's got to get their act.

Além da topicalização, Cinque (ibidem) menciona o uso parentético dos modalizadores, que pode levar a algumas alterações na ordem natural:

(35) Não que isso tire a vez dos peixes e frutos do mar, que são a base, *logicamente*, da culinária local. (FSP)

(36) Estão em discussão, *basicamente*, as porcentagens da divisão do faturamento anual de pelo menos US\$ 2 bilhões. (FSP)

(37) What, *honestly*, do I mean by rounded? (CDC)

(38) The silence that reigned again seemed, *logically*, to focus upon Martin Perish. (CDC)

Outra projeção funcional que pode interferir na distribuição dos advérbios é a dos sintagmas determinantes (DPs). De acordo com Cinque (ibidem), os DPs são projeções independentes das dos Adv, e sua distribuição varia de língua para língua. Analisamos aqui especificamente o caso do DP sujeito. Assim como os auxiliares, o sujeito pode ocupar diversas posições com relação aos advérbios que precedem o verbo, mas não em relação ao que o seguem:

(39) *Freqüentemente* João viaja nas férias.

João *freqüentemente* viaja nas férias.

* Já João viajou nas férias.

* *Completamente* João terminou o trabalho.

Assim, Cinque (1999) postula que o sujeito tem deslocamento aparentemente opcional em relação a advérbios sentenciais em inglês, possivelmente para checar algum traço adicional em uma posição de especificador mais alta. O mesmo comprovamos para o português:

- (40) [Socially / Frankly / Fortunately / Certainly / Probably / Perhaps / Necessarily / * Completely / * Well] **John** is happy with that.
- (41) [Socialmente / Francamente / Felizmente / Certamente / Provavelmente / Talvez / Necessariamente / * Completamente / * Bem] **João** está/ esteja feliz com isso.
- (42) **John** [socially / frankly / fortunately / certainly / probably / perhaps / necessarily / * completely / * well] is happy with that.
- (43) **João** [socialmente / francamente / felizmente / certamente / provavelmente / talvez / necessariamente / * completamente / * bem] está/ esteja feliz com isso.

A natureza da posição está relacionada à interpretação semântica, e o deslocamento às vezes é obrigatório para checagem de traços. Em alguns casos, posições diferentes determinam escopos diferentes:

- (44) *Obviamente* a água é um elemento químico (é óbvio que a água é ...).

A água é um elemento *obviamente* químico (e não matemático, por exemplo).

Dada essa evidência de que os DPs e os VPs se deslocam na sentença, e a postulação de que cada AdvP é gerado necessariamente em uma posição única de especificador de um determinado núcleo funcional, as diferentes possibilidades distributivas do advérbio, de acordo com Cinque (1999, p.109), se explicam por deslocamentos do verbo e do sujeito, que podem variar de língua para língua, como podemos exemplificar em:

- (45) *Probably* George will have read the book.
George *probably* will have read the book.
* George will *probably* have read the book.
George will have *probably* read the book.
- (46) *Provavelmente* Jorge vai ter lido o livro.
Jorge *provavelmente* vai ter lido o livro.
? Jorge vai *provavelmente* ter lido o livro.
* Jorge vai ter *provavelmente* lido o livro.

De acordo com Cinque (1999), a negação também possibilita várias posições diferentes dos elementos da sentença. Enquanto os AdvPs que precedem a negação não podem cair em seu escopo (47), no caso de AdvPs que a seguem, temos duas possibilidades. Alguns podem ser considerados dentro ou fora de seu escopo (48), enquanto outros *nunca* estão sob o escopo da negação (49):

(47) Esta condição *necessariamente* não terá conseqüências (= não terá).
This condition *necessarily* will not have consequences.

(48) Esta condição não terá *necessariamente* conseqüências (= poderá ter ou não).
This condition will not *necessarily* have consequences.

Em (48), mesmo que, dependendo do contexto, uma ou outra interpretação possa ser favorecida, tanto a interpretação em que o advérbio está sob o escopo da negação quanto a em que não está são possíveis. Já em (49), o AdvP está necessariamente fora do escopo da negação:

- (49) a. Eu não tenho *francamente* nada mais a dizer.
a. [I haven't *frankly* anything else to add.]
b. João não tinha *evidentemente* se inteirado de nossa chegada.
b. [John hadn't *evidently* learned of our arrival.]
c. João não é *provavelmente* capaz de nos ajudar.
b. [John isn't *probably* able to help us.]

As classes de advérbio em (49) correspondem às projeções mais altas da sentença (epistêmicos e afetivos). Todos esses dados levaram Cinque (1999) às seguintes conclusões sobre a interação de advérbios e negação: quando *não/not* (juntamente com o verbo) está à direita de um advérbio, só pode ter se originado em um NegP mais baixo do que o advérbio (não incluindo o advérbio em seu escopo (47)). Quando *não/not* (juntamente com o verbo) está à esquerda de um advérbio (abaixo do modalizador epistêmico), não sabemos se se originou em um NegP à esquerda do Adv, ou à sua direita. Isto significa que uma sentença como (50) pode corresponder tanto a (51a) como a (51b):

(50) João não tinha *deliberadamente* abandonado a candidatura.

- (51) a. João *deliberadamente* não tinha abandonado a candidatura.
a. (= não abandonou a candidatura).
b. João não tinha abandonado a candidatura *deliberadamente*.
b. (= abandonou, mas não deliberadamente).

Na presença de dois advérbios à direita de *não + V*, pode ser que apenas o mais à direita esteja sob o escopo da negação, ou ambos, ou nenhum, *mas nunca somente o mais à esquerda*. Vejamos (52):

(52) João não era *deliberadamente normalmente* polêmico com seus chefes.
[John wasn't *deliberately usually* polemical with his bosses.]

Isso sugere que *não* pode se originar em um sintagma de negação (NegP) entre os dois advérbios, ou à direita de ambos, ou à esquerda de ambos. O fato de que os AdvPs mais altos não podem ser interpretados sob o escopo da negação mesmo quando *não + V* os precede parece indicar que nenhum NegP pode ser gerado acima da modalidade epistêmica.

Dessa forma, concluímos que os advérbios modalizadores podem ocorrer topicalizados, no início ou no fim da sentença, ou ainda de forma parentética, em diferentes posições da sentença.

Considerações finais

Podemos resumir as hipóteses levantadas neste trabalho da seguinte maneira:

- a hierarquia das projeções funcionais e dos advérbios modalizadores proposta por Cinque (1999) é a mesma para o português brasileiro e para o inglês;
- diferentes posições podem ter diferentes interpretações semânticas ou levar a diferentes escopos e, portanto, a diferentes classificações;
- os advérbios modalizadores não se deslocam na sentença; eles são gerados na posição de especificadores de um determinado núcleo funcional;
- os elementos que se deslocam em relação aos advérbios modalizadores são o verbo e seus auxiliares, os DPs e a negação, provocando diferenças distributivas nas diferentes línguas;
- os deslocamentos dos verbos e auxiliares do português não correspondem aos do inglês, o que provoca diferenças distributivas nas duas línguas, principalmente porque o verbo pleno não se desloca em inglês;
- os advérbios modalizadores aparecem freqüentemente de forma topicalizada na sentença, tanto no início quanto no final, ou ainda de forma parentética, normalmente acompanhados de pausa. As posições topicalizadas normalmente não implicam alterações de escopo. Uma ressalva é feita apenas para alguns delimitadores que, mesmo topicalizados, não incidem sobre todo o enunciado, mas emolduram o campo de atribuição do valor de verdade.
- o sintagma de negação não incide sobre os advérbios epistêmicos e, conseqüentemente, sobre os hierarquicamente superiores. Quando posicionado à esquerda de um advérbio “mais baixo” do que os epistêmicos, pode ser interpretado como tendo escopo sobre o advérbio ou não.

TOSQUI, P.; LONGO, B. N. de O. The distribution of modal adverbs in English and Portuguese sentences: a generative-based analysis. *Alfa*, São Paulo, v.47, n.1, p.85-97, 2003.

■ **ABSTRACT:** *This paper presents a comparative analysis of the position of adverbs in English and Portuguese sentences, assuming the general framework of the Principles and Parameters Theory, with special reference to Cinque's (1999) universal hierarchy.*

■ **KEYWORDS:** *Modality; modal adverbs, generative syntax.*

Referências bibliográficas

- CHOMSKY, N. *Syntact structures*. Mouton: The Hague, 1957.
- CINQUE, G. *Adverbs and functional heads*. New York: Oxford, 1999.
- COSTA, J. Adverb positioning and V-movement in English: some more evidence. *Studia Linguistica*, Lund, SE, v.50, n.1, p.22-34, 1996.
- JACKENDOFF, R. *Semantic intepretation in generative grammar*. Cambridge, Mass: Mit Press, 1972.
- NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- OJEA LÓPEZ, A. I. Adverbios y categorías funcionales en español. *Revista Española de Lingüística*, Madrid, v.24, n.2, p.393-416, 1994.
- PALMER, F. R. *Mood and modality*. New York: Cambridge University Press, 1986.
- POLLOCK, J. Y. Verb movement, universal grammar and the structure of IP. *Linguistic Inquiry*, Cambridge, MA, v.20, n.365-424, 1989.
- QUIRK, R.; GREENBAUM, S. *A university grammar of English*. London: Longman, 1973.
- TOSQUI, P. *Advérbios modalizadores: subsídios para dicionários bilíngües*. 2002. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2002.